

Terra estrangeira, de Walter Salles

*Jorge Fernando dos Santos**

UM CINEASTA EM BUSCA DA IDENTIDADE

Quem conhece a obra de Walter Salles certamente há de concordar que ele é um cineasta que tem a busca da identidade quase como uma obsessão, o que se torna um traço marcante a ser observado sobretudo nesses tempos de globalização. Personagens em conflito de identidade permeiam sua produção cinematográfica, bem como citações à obra de outros mestres da Sétima Arte. Ao contrário dos herdeiros do chamado Cinema Novo, que tiveram em Glauber Rocha sua principal referência, Salles busca construir uma cinematografia nada regional e em permanente diálogo com outras culturas.

Em seu primeiro longa-metragem, *A grande arte* – produção multinacional com roteiro de Rubem Fonseca adaptado de seu romance homônimo sobre a arte das armas brancas – a multinacionalidade do elenco e suas respectivas personagens apontam de certa forma para a idéia de uma aldeia global na qual se digladiam valores culturais e sotaques idiomáticos dos mais variados. O protagonista é um fotógrafo norte-americano interpretado por Peter Coyote, que acaba se envolvendo numa perigosa trama que envolve atores/personagens brasileiros, franceses e latino-americanos.

* Escritor, compositor e jornalista, editor assistente do caderno “Espetáculo” do jornal Estado de Minas.

No caso, o antagonista é Raul Cortez, no papel de um mafioso que sabe como poucos manejar uma faca. O filme começa no Rio de Janeiro, com um plano de detalhe num corpo de mulher num quarto de hotel em plena Lapa. A grua leva a câmera para fora do recinto, abrindo um plano geral que mostra todo o bairro boêmio da Lapa numa tomada contínua, que lembra de longe a primeira seqüência de *A marca da maldade*, de Orson Welles. Aliás, o jogo entre planos fechados e gerais é outra característica marcante de Salles. Ainda em *A grande arte*, a história percorre outros estados brasileiros e chega à Bolívia, tendo o tráfico de drogas como tema recorrente. Mas o assunto principal é, sem dúvida, o conflito interior do protagonista, que se depara com uma cultura bem diferente da sua, num país tropical até certo ponto exótico ao seu olhar de cidadão do Primeiro Mundo.

JANGADA DE PEDRA

A questão das citações vai se radicalizar na obra do cineasta em *Terra estrangeira*, filme realizado em parceria com Daniela Thomas. Tendo o mito de Fausto como fio condutor, o filme fala daqueles que buscam na Europa a ilusão de vencer na vida. O cenário poderia ser, por exemplo, os Estados Unidos que sempre atraíram gente do mundo inteiro ao longo de várias gerações, mas Salles certamente preferiu a Península Ibérica – a jangada de pedra metafórica de José Saramago – justamente para reforçar a idéia da eterna procura das raízes.

A mãe do protagonista, Francisco (Fernando Alves Pinto), sonhava voltar a San Sebastian, a cidade de pedra cravada no coração do País Basco, sua terra natal. Perplexa diante do confisco da poupança irresponsavelmente engendrado pelo governo Collor, o que certamente adiaria seus projetos, ela morre diante da televisão. O filho, que planejava estudar teatro, resolve sair do Brasil rumo à Espanha para, assim, realizar o sonho da mãe. É aí que atravessa seu caminho um contrabandista brilhantemente interpretado por Luís Mello, espécie de Mefistófoles moderno que lhe dará condições de partir para uma viagem sem volta à terra de seus ancestrais. Em Lisboa, ele conhece Alex (Fer-

nanda Torres), jovem brasileira envolvida com o submundo do contrabando de pedras preciosas, e cuja história se assemelha à sua.

Rodado em preto e branco, com imagens de extrema poesia, *Terra estrangeira* fala o tempo todo da questão da identidade. Ao fugir dos problemas brasileiros em busca das possíveis facilidades oferecidas por um país civilizado, muita gente acaba se perdendo no caminho. Em certo ponto da rota, essas pessoas já não são mais brasileiras e tampouco se sentem em casa na terra que as recebeu. O mesmo se passa, por exemplo, com personagens angolanos que aparecem no filme. Só que, ao contrário dos brasileiros, esses negros mantêm seus costumes e dialetos num espírito quase tribal, talvez como defesa contra o preconceito dos portugueses – que no caso deles é muito claro. E é justamente um ator/personagem português que dirá a Francisco que Lisboa é uma boa cidade para perder-se de si mesmo.

RAÍZES PROFUNDAS

Mas o tema da busca de identidade na obra de Walter Salles torna-se mais explícito justamente em seu terceiro longa-metragem, cujas personagens são todas brasileiras. Fartamente premiado no exterior e indicado para o Oscar de Melhor Filme em Língua Estrangeira em 99, *Central do Brasil* não é apenas um dos melhores filmes já produzidos em todo o mundo nos últimos anos. É, com certeza, o trabalho mais ousado do cineasta, que radicaliza a questão das raízes indo fundo na questão cem por cento nacional.

O menino Josué (Vinícius de Oliveira) procura pelo pai, tendo como aliada a professora aposentada Dora (Fernanda Montenegro), cujo trabalho consiste em escrever cartas para os analfabetos que passam pela estação ferroviária onde ela mantém uma banca. É comovente a relação que se desenvolve entre os dois extremos: ele é um menino, ela uma velha; ele sem pai nem mãe, ela sem marido e sem filhos. Livre de qualquer maniqueísmo – esta é outra característica de sua obra – Walter Salles lida com personagens realmente humanas, com defeitos e virtudes; grandes sentimentos e limitações na mesma proporção.

E na procura do pai – que ele jamais encontrará no tempo de duração do filme – o menino Josué remete à própria questão nacional. Como bem lembrava o antropólogo e escritor Darcy Ribeiro, o Brasil é filho bastardo de Portugal. Afinal, para cá vieram os aventureiros lusitanos, muitos dos quais lá deixaram suas esposas e filhos. Aqui, enquanto davam cabo das riquezas de Vera Cruz (pau-brasil, ouro, diamante etc.), os portugueses tiveram filhos com negras, índias e mestiças. Quando as riquezas da terra se esgotaram, lá se foram muitos deles de volta à sua terra, ao reencontro de suas famílias, deixando para atrás as concubinas e seus filhos bastardos. Assim, às vésperas dos 500 anos da chegada dos portugueses, o menino Josué é a própria metáfora do povo brasileiro.

Ao mostrar de forma extremamente poética e realista os vários lados da realidade brasileira – as muitas dimensões da miséria, a vida urbana e a vida rural – Salles nos conduz num mergulho em dimensões culturais esquecidas, mas ainda presentes no território brasileiro. O encontro de Dora e Josué com personagens da terra, lá no coração do Nordeste, e com tradições religiosas multissombreadas revela-nos um Brasil ofuscado pelas cores da mídia e pela superficialidade do Brasil oficial. Ao invés de encontrar o pai, Josué encontra dois irmãos que ele ainda não conhecia. Iguais a ele, os dois também esperam pelo pai, que a exemplo dos aventureiros portugueses partiu para nunca mais voltar.

Esses são apenas alguns dos aspectos mais marcantes da obra de Walter Salles, um dos mais importantes cineastas do mundo contemporâneo. Ao contrário da maioria daqueles que o antecederam no cinema brasileiro, ele nos poupa do discurso ideologizado, embora se coloque ao lado dos oprimidos e miseráveis. Ao invés de falsear a realidade ou de propor revoluções políticas e estéticas, ele contribui no rumo certo, tendo a identidade como ponto crucial para o resgate da cultura nacional – verdadeiro meio para a compreensão e libertação do homem brasileiro. Não como o melhor homem do mundo, mas como cidadão em pé de igualdade com seus irmãos de outras paragens.

